



SEÇÃO: FONOLOGIA E INTERFACES

A consoante lateral palatal em uma comunidade quilombola

The palatal lateral consonant in a quilombola community

Dermeval da Hora¹

orcid.org/0000-0001-9303-5664
dermeval.dahora@gmail.com

Luiz Carlos Schwindt²

orcid.org/0000-0003-0533-589X
schwindt@ufrgs.br

Recebido em: 30 dez. 2021.

Aprovado em: 11 mar. 2022.

Publicado em: 4 nov. 2022.

Resumo: Este artigo trata do uso da consoante lateral palatal em posição de início de sílaba, em particular de seu apagamento, no município de Rio das Rãs, uma comunidade quilombola localizada em Bom Jesus da Lapa, Bahia. A partir da caracterização da comunidade e do fenômeno investigado, apresentam-se os principais resultados de uma análise quantitativa multivariada na perspectiva variacionista laboviana. São analisados contextos de palavras contendo a sequência *AV* em 24 entrevistas orais. Entre as variáveis sociais e linguísticas analisadas, a análise de regressão logística de efeitos mistos apontou para o papel das variáveis *escolaridade baixa* e *categoria morfológica masculino* sobre o fenômeno. Também foram consideradas significativas as interações de variáveis *mulheres/faixa etária jovem*, como desfavorecedora do processo, e *vogal média-alta* e *vogal alta no contexto precedente/vogal aberta no contexto seguinte*, como favorecedoras. O papel dessas interações parece estar relacionado ao papel, respectivamente, das variáveis aleatórias *palavra* e *participante*.

Palavras-chave: Lateral palatal. Variação linguística. Comunidade quilombola.

Abstract: This article deals with the use of the palatal lateral consonant in syllable onset position, particularly its deletion, in Rio das Rãs, a quilombola community located in Bom Jesus da Lapa, Bahia. Starting from a characterization of the community and the phenomenon investigated, the main results of a multivariate quantitative analysis from the Labovian variationist perspective are presented. Contexts of words containing the *AV* sequence in 24 oral interviews are analyzed. Among the social and linguistic variables examined, the mixed effects logistic regression analysis pointed to the influence of the variables *lower schooling level* and *morphological category masculine* on the phenomenon. The variable interactions *women/young age* were also considered significant, disfavoring the process, and *high and high-mid vowel in the preceding context/open vowel in the following context*, favoring the process. The role of these interactions seems to be related to the role of the random variables *word* and *participant*, respectively.

Keywords: Palatal lateral. Language variation. Quilombola community.

Introdução

O sistema fonológico consonantal do português brasileiro (PB) é constituído de 19 fonemas, distribuídos, quanto ao modo de articulação, em oclusivas, fricativas, nasais, laterais e vibrante e, quanto ao ponto de articulação, em bilabiais, labiodentais, dentais/alveolares, palato-alveolares, palatais e velares. A distribuição desses segmentos no sistema fonológico do PB depende, como bem observou Camara Jr. (1970), da sua posição na sílaba. Assim, enquanto segmento que preenche a posição de ataque tem-se um conjunto de 19 fonemas, mas, se for considerada a



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

posição de segundo elemento do ataque silábico, esse número é reduzido para dois, e, em posição de coda, para quatro. Desses 19 segmentos que ocupam a posição de ataque, pode-se verificar que alguns deles não sofrem nenhum processo de variação, a exemplo das oclusivas bilabiais /p,b/ (ex., *lplato, talplo, lbloca, talbloca*), das fricativas labiodentais /f,v/ (ex. *lflato, coilffa, lvlale, lelvla*), das fricativas alveolares /s,z/ (ex. *lsala, ma/sla, lzlela, calzla*), das fricativas palato-alveolares /ʃ, ʒ/ (ex. *lʃlato, tolʃla, lʒlato, laʒle*), da fricativa velar /x/ (ex. *lxlato ~ lrlato*), da nasal bilabial /m/ (ex. *lmloa, lalmia*), da lateral alveolar /l/ (ex. *llluto, tolllo*) etc. O mesmo não se pode dizer de consoantes como as oclusivas dentais/alveolares /t, d/, que, em contexto de vogal alta anterior, podem ser realizadas ou como dentais ou como palato-alveolares (ex. *ltlia ~ ltʃlia, ldlia ~ ldʒlia*), das oclusivas velares /k,g/ que, quando lhes segue um glide posterior favorecem a labialização (ex. *tranlkʷlilo ~ tranlkʷjilo, algenta ~ algʷenta*), da nasal bilabial /m/ (ex. *ulmla ~ ũa*), da nasal palatal [ɲ] (ex. *maɲla ~ mʷjɛ*), nem daquela que será objeto de estudo neste texto, que é a lateral palatal /ʎ/, que, variavelmente se realiza como [ʎ], [l], [j], [ø], como se pode verificar no item lexical "mulher": *mulʎer, muller, muljler, muløer*.

Em relação à consoante lateral palatal em posição de ataque, o que se tem é a possibilidade de ela ser realizada como consoante lateral palatal em *mulʎer*, alveolar em *muller*, glide em *muljler* ou zero fonético em *muløer*. Essa diversidade de uso, supõe-se, depende do tipo de restrição que se impõe, seja ela de ordem estrutural, social ou estilística. É, pois, na perspectiva da sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1966, 1972) que respaldos teóricos serão encontrados para justificar a seleção de uma ou outra variante.

Onde serão buscados os dados para que a análise seja realizada? Foram analisados os dados coletados na comunidade de fala Rio das Rãs, uma comunidade quilombola localizada na Bahia, estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária e o número de anos de escolarização dos seus falantes.

O objetivo principal deste trabalho é fazer uma análise do comportamento da consoante lateral palatal em posição de ataque silábico, em particular de seu apagamento, partindo da descrição das variáveis sociais e linguísticas envolvidas no fenômeno e da exploração do potencial preditivo.

Considerando que, apesar de a literatura apresentar alguns estudos relacionados ao tema em pauta, muito poucos são aqueles que levam em conta esse tipo de comunidade, justifica-se a realização da análise.

Este artigo está assim estruturado: na seção 1, serão apresentadas informações acerca da comunidade Rio das Rãs; na seção 2, serão tecidos alguns comentários sobre a consoante objeto de estudo; na seção 3, estão descritos a metodologia e os resultados da análise quantitativa, acompanhados da discussão. Por último, são apresentadas as considerações finais.

1 Comunidade Quilombola Rio das Rãs

Antes de se falar sobre a comunidade de fala que foi objeto deste estudo, é importante que se apresente o conceito de Comunidades Negras Rurais Quilombolas. São as chamadas terras de preto, terras de santo, mucambos ou quilombos. Em geral, essas comunidades são habitadas por negros e ficam localizadas na zona rural. Os laços familiares contribuem para o uso da terra, que pode ser cultivada tanto de forma coletiva quanto individual. Essas comunidades, na maioria das vezes, são desprovidas de quaisquer documentos escritos, e a propriedade da terra é um pacto oral que se perde com a morte dos mais velhos.

De acordo com Silva (2000), o reconhecimento das terras quilombolas tem início a partir de movimentos negros que exigem do governo políticas que reparem os danos causados pela escravidão e pelo racismo institucional. Esse movimento não foi de pronto aceito e representou, e ainda representa, um grande desafio, pois a sociedade brasileira sempre nega a cidadania aos quilombolas, exigindo provas da ocupação para que se reconheça a legalidade da propriedade, a fim de permanecerem nas terras. Para que se tenha uma ideia do que isso representa, é só observar

que das 387 comunidades existentes na Bahia, apenas 24 apresentam título de posse da terra. Nesse contexto, situa-se Rio das Rãs que,

por ser a primeira no Brasil a ser identificada como Remanescentes das Comunidades dos Quilombos e pela sua bravura de enfrentar forças políticas tradicionais da Região do Médio São Francisco, tornou-se um símbolo de resistência para as demais comunidades no país. A nível regional, sua influência e articulação tem como um dos resultados a identificação e reconhecimento de outras comunidades como quilombolas, cuja reivindicação desta identidade está vinculada aos direitos a regularização fundiária que a Constituição Federal de 1988 lhes garante. A partir disto, traçou-se como estratégia para compreender a Comunidade do Rio das Rãs a ampliação da escala de abordagem para entender as relações estabelecidas a partir da apropriação da terra na Região do Médio São Francisco onde ela esta inserida, tendo como centro as Comunidades Negras Rurais Quilombolas e o processo de colonização do Vale do São Francisco (SILVA, 2000, p. 280).

Ao serem ouvidas as gravações realizadas com os integrantes do projeto que serve de base para este estudo, pode-se acompanhar todo o processo de luta pela conquista da terra. Muitos dos informantes, os de idades mais avançadas, viveram esse processo. Tiveram a oportunidade de conhecer de perto a coação dos latifundiários com o objetivo de retirar-lhes as terras por eles ocupadas. São depoimentos que mostram como a força desses latifundiários era brutal, contando com a contratação de homens armados para intimidar os quilombolas.

O quilombo de Rio das Rãs, localizado na Região do Médio São Francisco no Estado da Bahia, pertence ao município de Bom Jesus da Lapa. É constituído por vários núcleos com uma organização interna, que, no passado, era mais bem estruturada. Conforme Silva (2000, p. 275), "[...] a tradição desses núcleos teve como referência a distribuição do poder entre os troncos familiares respeitáveis". Fica evidente a partir das entrevistas realizadas para coleta do *corpus* como os elos familiares definiam quem poderia pertencer ao grupo; isso era uma forma de a comunidade se proteger de indivíduos que tivessem interesses que não se coadunassem com os interesses do grupo.

Rio das Rãs é uma área de fronteira agrícola da Bahia que, com o auxílio governamental, a partir dos anos 1970, passou a ser valorizada com a implantação de empresas agrícolas, criação de gado e projetos de irrigação. Graças ao Plano de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (PLANVASF) implementou-se a agroindústria na região. É nesse período que se dá a valorização do espaço do Médio São Francisco, e em especial em Bom Jesus da Lapa, onde se instalam grandes projetos de irrigação da Companhia e Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF).

É, no âmbito desse processo que se dá o conflito entre a Comunidade de Rio das Rãs e supostos proprietários da Fazenda Batalha pela posse propriedade da terra – Celso e Fernando Teixeira. O conflito ficou latente, em 1970, quando a propriedade foi vendida a Carlos Newton Vasconcelos Bonfim e a sua esposa Kátia. Segundo depoimentos o senhor Carlos Bonfim utilizou vários expedientes para expulsar as famílias da área. Em 1970 houve a proibição de cultivar as terras. Em 1980 ocorreu a destruição das roças dos trabalhadores. Em 1981, houve uma tentativa de acordo. Em 1984 ocorreu a destruição de residências com o uso de tratores, várias famílias fugiram devido a esse fato, pois não vislumbravam amparo na justiça. A violência contra as famílias foi a tônica no conflito (SOUZA, 1994, p. 41).

Segundo Véran (1998), em Rio das Rãs podem ser observados dois processos de organização das famílias no espaço sociocultural. O primeiro deles é o da concentração das famílias nos arredores do rio, e o segundo, o adensamento das relações no interior da fazenda, perceptível a partir dos casamentos de forma endógena. Esses dois processos salientam a adequação entre um espaço e um grupo social específico. Para que se entenda o perfil da população de Rio das Rãs, vale lembrar que 43% das mulheres que viviam, em 1996, no povoado de Rio das Rãs nasceram lá, contra 21% das mães; 64% das mulheres nasceram nas terras da fazenda Rio das Rãs, contra 44% das mães. No que concerne aos homens, 57% nasceram em Rio das Rãs, contra apenas 20% dos pais; 79% nasceram nas terras da fazenda Rio das Rãs, contra 48% dos pais.

Em Rio das Rãs, no contexto dos anos difíceis

do conflito, marcados pela perda dos territórios das famílias e pela promiscuidade imposta pelo realocamento dos marcadores, a ligação ao passado se construiu com referência a uma época de fartura, a uma "idade de ouro", a saber, a época imediatamente antes do conflito. As entrevistas viabilizadas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Oeste da Bahia – Campus de Bom Jesus da Lapa (Projeto PIBIC/UFOB, 2015) de que nos valem neste estudo trazem depoimentos que testemunham um passado de muita fartura.

Com os conflitos, as narrativas dos integrantes da pesquisa testemunham a forma como a comunidade foi tratada com o intuito de lhes tirarem a terra. Há relatos de que várias famílias foram expulsas de suas terras de forma brutal. Apesar disso, houve resistência por parte de vários membros das comunidades, resultando, a partir do apoio institucional, o reconhecimento da comunidade como sendo remanescente de quilombo.

Essas características da memória e da identidade, de maneira mais geral, atribuídas a priori às "comunidades remanescentes de quilombos" na construção de uma representação político-jurídica do objeto histórico *quilombo*, de acordo com Véran, levam à seguinte questão: "em que medida elas refletem, na verdade, mecanismos identitários e modos de organização existentes nas *comunidades* consideradas hoje como *remanescentes* desses quilombos?"

Nessa reflexão, o autor afirma que, nessa luta para a *conquista*, é interessante questionar em que medida esta súbita construção do quilombo como *fato de memória* reflete uma memória real do passado, além de modos de representação da história compartilhados entre as populações envolvidas.

Precisamente, parece-nos que, "descobertas" no "ano Zumbi", essas comunidades apenas foram lembradas por sua origem nos antigos quilombos, enquanto comunidades "remanescentes". Desse modo, considerada como um atributo transparente e mecânico, a ligação com esse passado específico é, em grande parte, pressuposta e está desligada dos processos sócio-históricos pelos quais essas comunidades foram se desenvolvendo e se

organizando. É contra esta forma de determinismo que Barth chama atenção, lembrando-nos que "categorias de identificação", como a "memória coletiva", o "grupo étnico", etc., não são características primárias e fundamentais de um grupo, mas sim "resultados", "implicações" do processo de construção e de reconstrução sucessivas desse grupo através da sua história. São esses mecanismos de construção dos laços sociais de um grupo, dentro da cronologia da sua existência, a partir das relações sociais que o constituíram e das suas relações sucessivas com o passado, que procuramos entender durante o nosso trabalho de campo na comunidade rural de Rio das Rãs (VERAN, 1998, p. 34).

De fato, a memória remanescente, veiculada pelos habitantes da comunidade nos dias atuais, ratifica o que autor aponta na citação no que diz respeito à pressuposição da relação com um passado específico e de sua desvinculação com os processos sócio-históricos que constituíram essas comunidades.

Em linhas gerais, foram apresentadas algumas características da comunidade em que está centrado o trabalho. Por que foi escolhida essa comunidade?

Diferente das outras comunidades brasileiras em que o estudo aqui proposto foi analisado, dois aspectos devem ser destacados para justificar a sua escolha: em primeiro lugar vale destacar que essa é uma comunidade quilombola, reunindo falantes com características bem diferentes de outras comunidades; o segundo ponto que se entende ser específico dessa comunidade é o número de anos de escolarização dos falantes envolvidos (todos os participantes estão distribuídos entre nenhum até oito anos de escolarização). Esses dois aspectos justificam o estudo a ser realizado.

2 Sobre a lateral palatal

Processos de mudança no interior das línguas ocorreram no passado e ainda ocorrem nos dias atuais. Em geral, resultam de usos variáveis que se acomodam ao longo do tempo e resultam no aparecimento de novos usos, alterando por sua vez o sistema.

A mudança linguística é um tema que sempre inquietou os estudiosos. Perguntas como "por

que as línguas mudam?", "por que as mudanças acontecem em determinados segmentos e não em outros?", "como explicar os processos de mudança?" e muitas outras nem sempre são respondidas e permanecem em aberto.

Uma análise do sistema consonantal do latim possibilita concluir que as consoantes existentes hoje no português brasileiro não são as mesmas que existiam no passado. Um caso em especial é o aparecimento no português da consoante lateral palatal. O objeto de interesse neste trabalho se volta para a consoante lateral palatal /ʎ/, que sempre preenche a posição de ataque silábico. Esse tem sido um tema bastante produtivo entre os estudos linguísticos realizados no Brasil e cobre diferentes regiões e perspectivas. Há estudos descritivos que apresentam resultados a partir de dados coletados tanto sob a perspectiva da geolinguística quanto da sociolinguística variacionista (OLIVEIRA, 1983; MOTA, 2007; BRANDÃO, 2007; SOARES, 2008; FERREIRA, 2011; QUANDT, 2014; SANTOS, 2018), e há ainda aqueles que, ao irem além das descrições, apresentam uma proposta de análise com base na fonologia Autossegmental (HERNANDORENA, 1999; NEUSCHRANK, 2012; QUANDT, 2014), entre outras perspectivas teóricas.

Apresentados esses autores, vale destacar que aqui serão referidos apenas aqueles que trabalharam, descritivamente, com a lateral palatal. Não é interesse deste trabalho apresentar uma nova análise representacional. Será, pois, apresentada apenas uma descrição quantitativa.

Para dar início à descrição, é importante que se retome o estudo de Oliveira (1983) que apresenta um conjunto de dados importantes sobre estudos em que se detecta a variação da consoante lateral palatal no português europeu e depois no português brasileiro.

In the excellent work of Teyssier (1959), where a presentation is of the linguistic characteristics found in Gil Vicente's work, nowhere but in the language of the Negroes we find evidence that those phenomena involving the liquids existed. In Gil Vicente's play *Fragoa d'Amor*, from 250 to 605 (cf. Teyssier, pp 231-7) we find, in relation to the variable (lh), cases of the letter y, representing the semivowel [y] instead of the two letters lh which, in Portuguese orthography,

represent the palatal lateral sound (OLIVEIRA, 1983, p. 78).

A partir de uma análise em estudos realizados no Brasil (BUENO, 1944; MENDONÇA, 1933; SILVA NETO, [1957?]), Oliveira conclui que (a) a vocalização do (lh) ocorre em diferentes áreas no país, ao norte até o Maranhão e ao sul até São Paulo e (b) isto estava, em alguns casos, relacionado à fala de pessoas comuns.

O mais importante aqui é verificar que o estudo de Oliveira revela que o uso da lateral palatal de forma variável é muito mais antigo do que se imagina. O autor utilizou na composição de sua amostra 50 informantes de Belo Horizonte, estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária e a classe social. Seus resultados mostram que a lateral palatal, na comunidade pesquisada, pode ser realizada como palatal (81,2%), considerada pelo autor como variável padrão; como lateral (4,5%), uma forma rara; e como semivogal (14,3%), uma forma considerada como estigmatizada.

Mota (2007) analisou a realização despalatalizada ou iotizada da consoante lateral palatal, em vocábulos como *mulé*, *véio*, e a ausência dessa mesma consoante, em casos como *fia* (por *filha*). Os dados foram retirados de 48 inquéritos, realizados em seis capitais do nordeste brasileiro: Salvador (Bahia), Aracaju (Sergipe), Maceió (Alagoas), Recife (Pernambuco), Teresina (Piauí) e João Pessoa (Paraíba). Foram transcritos, codificados e submetidos ao Pacote Varbrul para análise estatística, dentro da metodologia da sociolinguística quantitativa laboviana. Nos inquéritos analisados, foram obtidas 2.249 ocorrências, verificando-se a predominância da realização lateral palatal, mantida em 2.041 casos, o que equivale a 91%. Os 9% foram encontrados no registro de falantes com menos anos de escolarização.

Segundo Soares (2008), de acordo com os resultados obtidos a partir de seu estudo realizado no Pará, em termos absolutos e relativos, a variante palatalizada [ʎ] tem o maior número de realizações, e, portanto, é preferencial em relação às demais variantes. A variante semivocalizada (7%) é a mais restrita, enquanto a lateral seguida de *glide* (33%) ocupa posição intermediária.

No Acre, Melo (2008, p. 81) encontra este conjunto de variantes para a lateral palatal /ʎ/: [ʎ], considerada a variante de maior prestígio social, com o mais alto índice de ocorrências (1.750 realizações, 78,7%); [ʎj] (253 realizações, 11,4%); [ʎi] (111 realizações, 5%); [ʎ] (87 realizações, 3,9%); [ʎi] (22 realizações, 1%); [ø] (1 realização, 0%). Somadas, as variantes que se afastam da realização /ʎ/ representam, juntas, 21,3% das 2.224 produções.

Razky e Fernandes (2010), ao analisarem dados do Pará e do Amapá, concluem que a variante palatalizada é categórica no Amapá, e quase categórica no Pará, onde 97% dos falantes optam pela realização da lateral palatalizada, ficando os 3% restritos ao uso de [j] (2%) e do zero fonético (1%).

Freire (2011), ao analisar dados de 36 falantes da comunidade de Jacaraú (PB), estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária e anos de escolarização, observou que 66,7% utilizam a lateral palatal, 16,8% semivocalizam, 8,3% utilizam a lateral alveolar e 8,2% priorizam o zero fonético.

Quandt (2014), utilizando dados do Rio de Ja-

neiro, observa que a lateral palatalizada atinge a frequência de 55,2% (1363 ocorrências), a lateral palatal atinge o índice de 28,6% (705 ocorrências). As demais variantes apresentam baixa representatividade na amostra, a saber: despalatalização + iode ([lj]), 13%; despalatalização ([l]), 2,6%; iodização ([lj]), 0,5%; síncope [ø], 0,1%.

Santos (2018), analisando dados de 144 informantes de seis cidades do estado de Alagoas, observa que 65% dos falantes utilizam a forma palatalizada [ʎ], 19% utilizam a lateral [l] e 16% utilizam o glide [j].

Lima (2010), analisando 27 falantes da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, na Paraíba, estratificados de acordo com o sexo e a idade (acima de 50 anos), constata que o uso da lateral palatal é inexistente. O que se observa é que, em seu lugar, o que existem são a semivogal [j] (78%) e a lateral alveolar [l] (22%).

O Quadro 1, a seguir, apresenta de forma resumida os resultados gerais obtidos nos trabalhos mencionados.

QUADRO 1 – Variantes encontradas e percentuais correspondentes

USOS DE ʎ NO PB

	[ʎ]	[ʎ]	[ʎi]	[l]	[ʎ]	[lj]	[j]	[ø]
Belo Horizonte (OLIVEIRA, 1983)	81,2			4,5			14,3	
Guanabara (BRANDÃO, 2007)	35,0				2,0		53,0	10,0
ALiB (MOTA, 2007)	91,0							
Pará (SOARES, 2008)					59,0	33,0	7,0	
Acre (MELO, 2008)	78,7	11,4	5,0	3,9				
Caiana (PB) (LIMA, 2010)				22,0			78,0	
Amapá/Pará (RAZKY; FERNANDES, 2010)	97,0						2,0	1,0
Jacaraú (PB) (FREIRE, 2011)	66,7			8,3			16,8	8,2
Rio de Janeiro (QUANDT, 2014)	28,6			2,6	55,2	13,0	0,5	0,1
Alagoas (SANTOS, 2018)	65,0			19,0			16,0	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Uma observação do Quadro 1 leva a algumas constatações. A primeira delas diz respeito à forte tendência de manutenção da lateral palatal nas diferentes comunidades. Majoritariamente, esse segmento é o que permanece como sendo a

forma preferida pelos falantes. Em segundo lugar, encontra-se a variante semivocalizada, ocupando a variante lateral o terceiro lugar. Essa constatação ratifica a ideia de que a consoante lateral palatal é, majoritariamente, a preferida pelos falantes. Se

observados casos em que a forma palatal alterne com a lateral e com o glide, pode-se inferir que a forma palatal é a preferida na maior parte das comunidades, seguida do glide e por último da lateral. Do conjunto de fatores observados nesses estudos citados, a escolaridade do falante é o que mais favorece a realização palatal. Atente-se ao fato de que, além do Pará, é na comunidade quilombola de Caiana, uma das poucas estudadas até o momento, que a consoante lateral palatal não é observada.

3 Metodologia

Nesta seção, são apresentadas as variáveis consideradas neste estudo. Em primeiro lugar, descreve-se a variável resposta e, na sequência,

QUADRO 2 –Variável resposta

APAGAMENTO DE ʎ EM RIO DAS RÃS

∅	fio	hiato ditongo com a vogal seguinte ditongo com j vogal alongada apagamento da sílaba contendo ʎ	Variantes não padrão
	fiw		
	fij		
	fi:		
	fi		
ʎ	filho ³		Variante padrão

Fonte: Elaborado pelos autores.

A opção por uma variável resposta binária é motivada principalmente pela falta de paralelismo entre os dados que são investigados, isto é, enquanto *filho* é forma que permite opor seis variantes, como se vê no Quadro 2, um vocábulo como *mulher* é mais limitado, pois a vogal final, aqui tônica, é sempre preservada (ex.: *mulher* ~ *muié*/mué ~ **muj*/mu:/mu). Além disso, entende-se que essa abordagem favorece a leitura do papel das variáveis sociais, uma vez que se contrasta o uso entendido como padrão, a realização da consoante palatal, a quaisquer usos alternativos, entendidos nesse caso como não padrão. Contudo, alternantes da variante ∅ que

as variáveis predictoras sociais e linguísticas — estas últimas divididas em fonético-fonológicas e léxico-morfológicas.

3.1 Variável resposta

O fenômeno que se investiga neste estudo é o apagamento variável da consoante lateral palatal na comunidade quilombola Rio das Rãs. Essa consoante em geral ocupa a posição de onset de uma sílaba localizada na porção final do radical primário ou secundário de substantivos, adjetivos e verbos. O apagamento pode atingir apenas a consoante em questão, mantendo o segmento vocálico que a segue ou alguma propriedade relativa a esse segmento, ou eliminar por completo a sílaba envolvida, como se vê no Quadro 2.

preservam a vogal final serão chamadas à análise quando oportuno, haja vista sua importância para o debate, entre outros aspectos, acerca do eventual caráter coarticulatório ou assimilatório do fenômeno ou mesmo acerca da hipótese de preservação da fonologia da raiz ou de morfemas que designam gênero ou classe temática.

3.2 Variáveis predictoras

Essa investigação se fundamenta na perspectiva laboviana da variação linguística, sob a premissa mais geral de que variáveis sociais e linguísticas concorrem para o fenômeno em es-

³ A variante com alveolar (ex. *filo*) não foi, em princípio, identificada de oitiva nos dados desta pesquisa, ainda que não se descarte a possibilidade de alguma ocorrência alternativa no contínuo L... na amostra. Como, porém, este estudo focaliza o apagamento, um eventual caso dessa variante é/seria interpretado no escopo da variante padrão.

tudo. As variáveis sociais são as mesmas que dão conta da estratificação da amostra. As variáveis linguísticas dividem-se em fonético-fonológicas e léxico-morfológicas. As perguntas/hipóteses que embasam cada uma dessas variáveis são descritas na sequência.

3.2.1 Variáveis sociais

Os dados deste estudo provêm do corpus da comunidade quilombola de Rio das Rãs, concebido na Universidade Federal do Oeste da Bahia,

QUADRO 3 – Variáveis previsoras sociais

APAGAMENTO DE λ EM RIO DAS RÃS

Apagamento de λ em Rio das Rãs	Grupo de variáveis	Variáveis	Número de participantes
Sexo		mulher	12
		homem	12
Idade		até 25 anos	8
		26 a 59 anos	8
		60 anos ou mais	8
Escolaridade		até 4 anos	12
		5 a 8 anos	12

Fonte: Elaborado pelos autores.

Por se entender que o apagamento da consoante lateral palatal se caracteriza como um fenômeno fonológico abaixo do nível da consciência, nos termos de Labov (1966), mas que, por outro lado, é perceptualmente saliente para os usuários da variante padrão, em especial por se tratar da queda de um segmento em posição de onset, hipotetiza-se que seja influenciado por um ou mais das variáveis sociais listadas no Quadro 3.

Quanto à variável *sexo*, considera-se a estratificação disponibilizada no corpus, que se restringe a sexo biológico, sem informação mais detalhada sobre o gênero efetivo dos participantes. Em relação à variável *idade*, adotou-se uma divisão tripartite, de modo que se possa observar

Campus de Bom Jesus da Lapa, na abrangência do Projeto PIBIC/UFOB 2015, com o objetivo de analisar o desempenho linguístico de falantes do português popular em comunidades rurais do oeste baiano. A amostra de 24 participantes utilizada nesta análise foi constituída sob a orientação do professor Danilo Santos entre os anos de 2015 e 2016. Os dados estão distribuídos em sexo, idade e anos de escolarização, como pode ser observado no Quadro 3.

melhor o contraste entre os níveis extremos da escala e assim se vislumbre eventual potencial de mudança em tempo aparente do processo. No que diz respeito à *escolaridade*, propôs-se uma divisão em dois níveis, a fim de se verificar a influência do maior ou menor acesso ao mundo letrado e à educação formal de modo geral sobre o fenômeno investigado.

3.2.2 Variáveis linguísticas

Nove variáveis linguísticas são investigadas neste estudo, sendo quatro fonético-fonológicas e cinco léxico-morfológicas.

As variáveis fonético-fonológicas estão resumidas no Quadro 4 e contextualizadas a seguir.

QUADRO 4 – Variáveis previsoras linguísticas fonético-fonológicas**APAGAMENTO DE λ EM RIO DAS RÃS**

Grupo de variáveis	Variáveis	Exemplos
Vogal precedente	alta média-alta média-baixa baixa	pilha melhor molha trabalha
Vogal seguinte	fechada aberta	filho mulher
Tonicidade da sílaba contendo	tônica postônica	colher aparelho
Número de sílabas	duas três	te.lha ver.me.lho

Fonte: Elaborado pelos autores.

3.2.2.1 Vogal precedente

Com esta variável, procura-se explorar aspectos relativos à coarticulação ou mesmo a uma possível natureza assimilatória do processo. Uma vez que a consoante lateral palatal se caracteriza como um segmento alto, interessa saber se a altura da vogal que a precede pode engatilhar um uso não padrão — de modo particular o apagamento de $[\lambda]$ —, o que poderia sugerir a ação de uma restrição militando contra a sequência, por exemplo, de dois segmentos de altura assemelhada.⁴ Neste grupo, as vogais estão convenientemente classificadas por um critério de altura.

3.2.2.2 Vogal seguinte

Igualmente no caso desta variável estão em jogo questões envolvendo assimilação ou coarticulação. Neste caso, porém, não é exatamente a altura que está em jogo, já que sequências como *lhir* e *lhur* não foram encontradas nos dados. Contudo, interessa investigar se a abertura da vogal que segue $/\lambda/$ interfere no fenômeno.⁵ Como o resultado do processo é uma consoante sem onset, pode-se identificar se há preferência por encontros vocálicos com vogais abertas (médio-abertas e aberta), que são, em princípio,

sempre tônicas nessa posição, em oposição a fechadas (médio-fechadas e fechadas), que em alguns casos são átonas.

3.2.2.3 Tonicidade da sílaba contendo λ

A consoante palatal pode ser apagada tanto em sílabas tônicas quanto átonas. Examinou-se com essa variável se a debilidade de sílabas átonas, que em geral favorece o apagamento de consoantes em coda, tem algum papel sobre o apagamento de segmentos em posição de onset.

3.2.2.4 Número de sílabas

Com esta variável, deseja-se verificar se palavras mais curtas, com apenas duas sílabas, são menos suscetíveis ao apagamento do que palavras mais longas. Isso pode informar sobre algum esforço de preservação de conteúdo fonológico de uma palavra à medida que se afasta de sua borda esquerda, em geral mais preservada (BECKMAN, 1998). Nesse sentido, vale a pena ver a relação dessa variável com a variável léxico-morfológica *afiliação morfológica de λ* , uma vez que essa consoante é parte da raiz na maioria dos dados.

⁴ Evitação a sequências de estruturas idênticas adjacentes é fenômeno comum nas línguas do mundo, amplamente descrito na literatura como resultado do Princípio do Contorno Obrigatório (YIP, 1986), conhecido pela sigla do inglês OCP.

⁵ Ainda que altura e abertura se caracterizem como parâmetro articulatório análogo na descrição de vogais, nos casos em que estão em jogo possíveis processos assimilatórios envolvendo consoantes, essa distinção pode ser relevante.

Apresentam-se a partir da daqui as variáveis léxico-morfológicas, sintetizadas no Quadro 5 e brevemente descritas na sequência.

QUADRO 5 – Variáveis previsoras linguísticas léxico-morfológicas

APAGAMENTO DE λ EM RIO DAS RÃS

Grupo de variáveis	Variáveis	Exemplos
Classe	nome verbo	pilha, melhor acolher, olhei
Afiliação morfológica de λ	raiz sufixo	telha forquilha
Categoria morfológica da V final	masculino feminino verbal atemática	alho, alheio filha, velha molhar, trabalhou milhar, mulher
Número	singular plural	(um) baralho (meus) filhos
Frequência do lexema	alta baixa	trabalho ovelha

Fonte: Elaborado pelos autores.

3.2.2.5 Classe

As palavras envolvidas no processo analisado são substantivos, adjetivos e verbos. Porque não existem razões para se suspeitar de um comportamento diferenciado entre substantivos e adjetivos, reuniram-se essas classes numa classe maior que foi tratada como *nome*. Muitos fenômenos fonológicos são descritos como apresentando comportamento distinto para diferentes classes de palavras. Considerando-se, contudo, que o apagamento de λ atinge onsets silábicos, isto é, alvos em princípio indiferenciados para nomes e verbos, e por não haver vocábulos funcionais na amostra, aposta-se na irrelevância dessa variável para o fenômeno.

3.2.2.6 Afiliação morfológica de λ

Investigou-se a localização morfológica de λ na palavra com o intuito de testar a hipótese de que raízes são mais preservadas de apagamentos do que sufixos. Essa variável está indiretamente relacionada com a extensão da palavra, já que vocábulos sufixados tendem a ser maiores do que palavras simples.

3.2.2.7 Categoria morfológica da V final

Como se exemplificou no Quadro 2, que descreve a variável resposta, esse fenômeno pode resultar adicionalmente no apagamento da vogal final. É isso que se deseja observar com esta variável: se vogais que exponenciam masculino ou feminino, vogais temáticas verbais ou, ainda, vogais (tônicas) que ocupam a última posição da raiz, seguindo λ , têm algum papel sobre sua preservação.

3.2.2.8 Número

Outra pergunta que se coloca, no mesmo âmbito do mesmo recorte da variável resposta que se acabou de descrever para a categoria morfológica da V final, é se formas no plural são mais preservadoras do que formas no singular.

3.2.2.9 Frequência do lexema

As palavras da amostra foram classificadas quanto ao seu lexema, isto é, formas como *mulher* e *mulheres*, por exemplo, receberam, numa coluna específica da planilha de dados a classificação *mulher*, seu lexema correspondente. Tomando

como referência o Corpus Brasileiro⁶, consultado pelo *site* Linguatca, registrou-se também a frequência desses lexemas, convertendo os números numa escala logarítmica, para assegurar maior uniformidade desses índices. Por se tratar de poucos lexemas na amostra, optou-se por analisar esses dados em uma escala categórica em vez de contínua. Para definição da escala, subtraiu-se o maior log do menor e dividiu-se por dois, o número de níveis que se adotou. Em seguida, somou-se o menor valor de log ao resultado dessa divisão, alcançando-se, assim, a escala empregada. Foram classificados como de *frequência alta* itens com log entre 8.843906 e 13.64476 e como de *frequência baixa* itens com log entre 4.043051 e 8.843905. Idêntica classificação foi aplicada às palavras propriamente ditas, ainda que *frequência lexical da palavra* não tenha constituído um grupo de fatores da análise, para evitar conflitos de ortogonalidade com o exame de frequência do lexema, informação esta que se elegeu como mais relevante para o fenômeno. A pergunta geral que se coloca com o exame desta variável é se o fenômeno é mais comum em palavras mais recorrentes ou menos recorrentes na língua.

Os dados foram analisados fazendo-se uso da Plataforma R (R CORE TEAM, 2020), pela interface RStudio. Realizou-se, primeiramente, uma análise descritiva, considerando porcentagens. Em seguida, a fim de verificar o papel preditivo das variáveis investigadas, observadas conjun-

tamente, e de possíveis interações entre elas, realizou-se uma análise de regressão logística binária de efeitos mistos, com a função *glmer*, atentando-se para o papel das variáveis aleatórias *palavra* e *participante*. Os gráficos foram gerados em ggplot2 (WICKHAM, 2009). O limite estabelecido para atribuição de significância estatística foi de $p \leq 0,05$.

4 Resultados

Esta seção reúne os principais resultados da pesquisa em duas perspectivas. Primeiramente, descrevem-se, fazendo-se uso de porcentagens, os resultados de uma análise bivariada, considerando-se cada uma das variáveis predictoras listadas na metodologia contrastadas à variável resposta. Em segundo lugar, a partir das constatações desse exercício descritivo inicial, apresenta-se uma análise multivariada, considerando-se resultados de regressão logística de efeitos mistos aplicada a um recorte dessas variáveis.

4.1 Variável resposta — aplicação geral do fenômeno

O processo de apagamento da consoante palatal em onset silábico na comunidade de Rio das Rãs pode ser considerado de uso relativamente acentuado na amostra estudada, com casos de aplicação superando casos de não aplicação.

TABELA 1 — APLICAÇÃO GERAL

APAGAMENTO DE χ EM RIO DAS RÃS

	%	N	
∅	55,8	755	fio / fiw / fij / fi: / fi
χ	44,2	599	filho
Total		1.354	

Fonte: Elaborado pelos autores.

⁶ O Corpus Brasileiro é um banco de dados de fala e de escrita do português brasileiro do período de 2008 a 2010, disponível on-line. Está sediado no Centro de Pesquisas, Recursos e Informação de Linguagem (CEPRIL), Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (LAEL) da PUC-SP, e é coordenado pelo prof. Tony Berber Sardinha. A amostra disponível conta com aproximadamente 1 bilhão de *tokens*. Em <http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html> podem-se encontrar as informações necessárias para acesso ao corpus.

No subconjunto dos casos de apagamento, observa-se uma distribuição que privilegia os casos de manutenção do núcleo da sílaba, re-

sultando na criação de algum tipo de encontro vocálico, como se vê na Tabela 2, a seguir.

TABELA 2 — DISTRIBUIÇÃO DA APLICAÇÃO

APAGAMENTO DA SÍLABA CONTENDO λ EM RIO DAS RÃS

	%	N	
Manutenção do núcleo	63,3	478	fio / fiw / fij / fi:
Eliminação do núcleo	36,7	277	fi
Total		755	

Fonte: Elaborado pelos autores.

4.2 Variáveis previsoras

Apresenta-se a seguir, em ordem decrescente de ocorrência de apagamento, a distribuição das variáveis previsoras em três grandes tabelas que agrupam, respectivamente, as variáveis sociais, fonético-fonológicas e léxico-morfológicas. Examinados como grupos de fatores e dissociados das demais variáveis previsoras, nenhum desses conjuntos de variáveis mostrou-se estatisticamente significativo, considerando-se o limite

estabelecido para atribuição de significância nesta análise.

Observada a distribuição das variáveis sociais, como se vê na Tabela 3, a seguir, pode-se afirmar que o apagamento é mais preponderante entre homens, indivíduos com mais de 25 anos e com escolaridade baixa. A interação dessas três variáveis será explorada na regressão logística apresentada mais adiante.

TABELA 3 — VARIÁVEIS SOCIAIS

APAGAMENTO DE λ EM RIO DAS RÃS

		% \emptyset	N	% λ	N	p-value
Sexo	homem	34,3	465	17,7	240	0,05259
	mulher	21,4	290	26,5	359	
Idade	26 a 59 anos	20,8	281	13,7	185	0,9844
	60 anos ou mais	20	271	11,3	153	
	até 25 anos	15	203	19,3	261	
Escolaridade	até 4 anos	38,7	524	13,4	181	1,0000
	5 a 8 anos	17,1	231	30,9	418	

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que diz respeito às variáveis fonético-fonológicas, como se vê na Tabela 4, observa-se distribuição muito semelhante entre as propriedades que preponderam nos casos de apagamento e de preservação. São principalmente itens com

vogal alta no contexto precedente, com uma tímida preferência por vogal aberta no contexto seguinte, nos quais λ está sobretudo na posição postônica e numa estrutura dissilábica.

TABELA 4 — VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS FONÉTICO-FONOLÓGICAS

APAGAMENTO DE λ EM RIO DAS RÃS

		% \emptyset	N	% λ	N	p-value
Vogal precedente	Alta	24,7	335	22,5	304	0,9997
	Baixa	13,1	177	10,8	146	
	média-baixa	12,4	168	8,6	117	
	média-alta	5,5	75	2,4	32	
Vogal seguinte	Aberta	28,4	385	22,7	308	1,0000
	Fechada	27,3	370	21,5	291	
Tonicidade da sílaba contendo λ	Postônica	37,2	504	28,1	380	1,0000
	Tônica	18,5	251	16,2	219	
Número de sílabas	Duas	39,7	538	31,7	429	1,0000
	Três	16,0	217	12,6	170	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em relação às variáveis léxico-morfológicas, analogamente ao que se observou para os fatores fonético-fonológicos, a distribuição entre as propriedades que preponderam nos casos de apagamento e de preservação é muito semelhan-

te. São preferencialmente nomes (substantivos e adjetivos) em que λ é parte da raiz e a vogal final é morfema indicador de masculino (ou vogal temática) e que, além disso, estão no singular e têm frequência alta na língua.

TABELA 5 — VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS LÉXICO-MORFOLÓGICAS

APAGAMENTO DE λ EM RIO DAS RÃS

		% \emptyset	N	% λ	N	p-value
Classe	nome	43,1	584	33,3	451	1,0000
	verbo	12,6	171	10,9	148	
Afiliação morfológica de	raiz	54,8	742	44,1	597	1,0000
	sufixo	1,0	13	0,1	2	
Categoria morfológica da V final	masculino	24,7	335	18,5	250	1,0000
	verbal	12,6	170	10,9	148	
	atemática	10,6	143	8,9	121	
	feminino	7,9	107	5,9	80	
Número	singular	45,1	611	35,2	476	1,0000
	plural	10,6	144	9,1	123	
Frequência do lexema	alta	50,9	689	40,8	552	1,0000
	baixa	4,9	66	3,5	47	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os resultados acima sugeriram uma investigação mais acurada das variáveis descritas, tanto no sentido de se explorar seu papel preditivo, quando analisadas em conjunto, quanto

no sentido de se verificarem possíveis interações entre muitas dessas propriedades. Além disso, a semelhança de distribuição entre os fatores que preponderam nos casos de apagamento e

de preservação da consoante palatal indicou a necessidade de se explorar o papel das variáveis aleatórias *palavra* e *participante*.

4.3 Análise multivariada

São apresentados agora resultados de regressão logística aplicada aos dados. Foram excluídos desta etapa da análise os grupos de variáveis léxico-morfológicas *classe* e *afiliação morfológica de λ* , para se evitarem sobreposições e para se assegurar uma distribuição representativa dos dados. *Classe* conflita com categoria morfológica da vogal final, já que variáveis como *masculino*, *feminino* e *atemática* aplicam-se apenas a *nomes*, enquanto *verbal* aplica-se exclusivamente a *verbos*. *Afiliação morfológica de λ* , por sua vez, tem distribuição bastante irregular, já que em mais de 99% dos dados a consoante palatal se encontra na *raiz*, e não no *sufixo*.

Diferentes modelos de regressão logística

foram testados, com destaque para quatro: efeitos fixos com e sem interações e efeitos mistos com e sem interações. Considerados os valores de AIC e de R^2 , o modelo eleito foi o de efeitos mistos com interações, o qual descrevemos na sequência.

Como se vê na Tabela 6, considerados os valores de $p < 0,05$, indicados por asteriscos, são entendidas como significativas para o apagamento de λ as variáveis *escolaridade baixa (até 4 anos)*, *categoria morfológica masculino (ou índice temático -o)*, bem como as interações *mulheres e faixa etária jovem (até 25 anos)* e *vogal média-alta e de vogal alta no contexto precedente à palatal e vogal aberta no contexto seguinte (i,u/ε,ɔ,a)*. Entre as variáveis aleatórias testadas, *palavra* apresentou variância 1,61 e *participante*, 0,53. Entre as variáveis aleatórias testadas, *palavra* apresentou variância 1,61 e *participante*, 0,53.

TABELA 6 — REGRESSÃO LOGÍSTICA DE EFEITOS MISTOS

APAGAMENTO DE λ EM RIO DAS RÃS

Preditores	Apagamento de λ		
	Estimado	CI	p
(Intercept)	-1.44	-3.33 – 0.46	0.137
Sexo [mulher]	-0.10	-1.67 – 1.48	0.902
Idade [26-59]	-1.15	-2.78 – 0.49	0.171
Idade [até 25]	-0.28	-1.88 – 1.31	0.727
Escolaridade [até 4]	1.87	0.26 – 3.48	0,022*
V precedente [média-baixa]	0.37	-1.34 – 2.07	0.673
V precedente [média-alta]	0.07	-1.41 – 1.55	0.922
V precedente [alta]	-1.18	-2.75 – 0.39	0.139
V seguinte [aberta]	-0.25	-1.48 – 0.99	0.696
Tonicidade [tônica]	0.90	-0.31 – 2.13	0.145
Número de sílabas [três]	0.28	-0.53 – 1.09	0.494
Categoria morfológica [atemática]	-0.97	-2.88 – 0.93	0.316
Categoria morfológica [masculino]	1.29	0.39 – 2.19	0,005**
Categoria morfológica [feminino]	-0.09	-1.50 – 1.32	0.902
Frequência do lexema [alta]	0.26	-0.71 – 1.24	0.600
Número [plural]	0.34	-0.37 – 1.05	0.345
Sexo [mulher] * Idade [26-59]	0.92	-1.32 – 3.15	0.422
Sexo [mulher] * Idade [até 25]	-2.74	-5.09 – -0.39	0,022*
Sexo [mulher] * Escolaridade [até 4]	-0.82	-3.07 – 1.44	0.477

Idade [26-59] * Escolaridade [até 4]	1,78	-0,50 – 4,07	0,126
Idade [até 25] * Escolaridade [até 4]	-0,21	-2,47 – 2,05	0,854
V precedente [média-baixa] * V seguinte [aberta]	-0,53	-2,52 – 1,45	0,598
V precedente [média-alta] * V seguinte [aberta]	2,32	0,02 – 4,62	0,048*
V precedente [alta] * V seguinte [aberta]	2,89	0,89 – 4,89	0,005**
V seguinte [aberta] * Tonicidade [tônica]	-0,59	-2,04 – 0,86	0,426
(Sexo [mulher] * Idade [26-59]) * Escolaridade [até 4]	-1,27	-4,47 – 1,92	0,435
(Sexo [mulher] * Idade [até 25]) * Escolaridade [até 4]	2,88	-0,39 – 6,15	0,084
Códigos de significância: 0 **** 0,001 *** 0,01 ** 0,05 * 0,1 ' ' 1			
Efeitos aleatórios			
σ^2		3,29	
τ_{00} Palavra		1,61	
τ_{00} Participante		0,53	
ICC		0,39	
$N_{Palavra}$		84	
$N_{Participante}$		24	
Observações		1354	
R ² marginal / R ² condicional		0,359 / 0,612	

Fonte: Elaborado pelos autores.

O resultado para a variável *escolaridade* confirma a hipótese de que o fenômeno em estudo está relacionado ao acesso ao mundo letrado. A consoante *ʎ*, por ocupar posição de onset, é como se antecipou, naturalmente saliente foneticamente para os falantes, ainda que seu apagamento pareça se processar para os menos escolarizados como fenômeno inconsciente. Seu registro escrito — reforçado pelo emprego de duas letras, tendo em vista tratar-se de um dígrafo na língua — possivelmente opera para fortalecer, via exercício metalinguístico, sua saliência perceptual.

O fato de o apagamento de *ʎ* ser também favorecido pelo morfema -o deve ser analisado com ressalva. Considerado o intercept negativo, reflexo de uma variante de aplicação moderada a baixa, Oushiro (2017) recomenda somá-lo ao coeficiente angular, a fim de se obter a estimativa probabilística correta de influência da variável previsora sobre a variável resposta. Aplicado tal

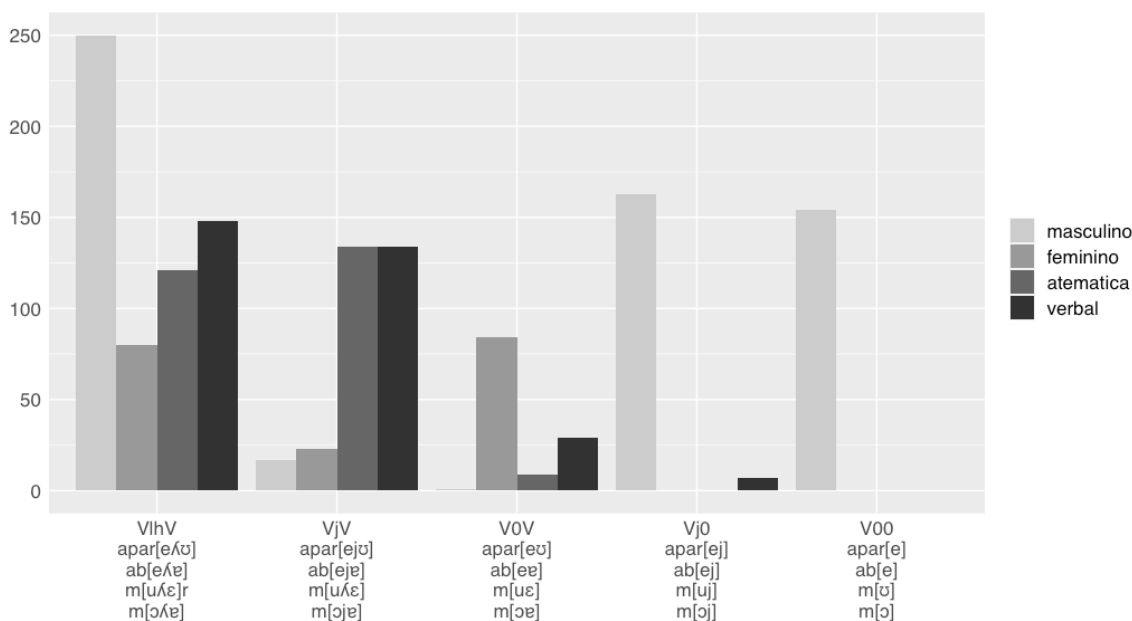
expediente à presente amostra, mantém-se a leitura de favorecimento e desfavorecimento para todas as demais variáveis, exceto para a categoria morfológica *masculino*, que resulta desfavorecedora, com *logod* -0,15 (Intercept -1,44 + CatMorf2[masculino] 1,29). Ressalte-se, porém, que, aplicando-se a mesma conversão às demais categorias morfológicas, formas atemáticas resultam em 2,41 e feminino em -1,53, ou seja, valores ainda assim bastante distantes de *masculino* na direção do desfavorecimento.

O resultado para *categoria morfológica* pode ser explicado a partir da tese de que morfemas menos marcados — como o que se rotulou neste trabalho como *masculino*, mas que pode ser lido, nos termos de Camara Jr. (1970), como *vogal temática* — são mais refratários a apagamentos e reduções do que formas marcadas — como o morfema indicador de feminino ou estruturas fonológicas que integram a raiz, neste caso a vogal final (ex. *mulher* ~ *mu/i), ou, ainda, morfemas

verbais.⁷ Como se antecipou, este é o contexto em que a alteração da sílaba como um todo se diferencia do mero apagamento da consoante palatal, já que são atestadas nos dados formas como *fia*, *trabaiê* e *muié*, em que se preserva a

vogal final, mas não (*a*) *fi*, *traba* e *mu*. O Gráfico 1 traz essa comparação, considerando-se, apenas para este exercício, cinco variantes no lugar da variável resposta em contraste às categorias morfológicas em análise.

Gráfico 1 – Categoria morfológica
Apagamento de e preservação da V final em Rio das Rãs



Fonte: Elaborado pelos autores.

Entre os padrões contendo V final, os três primeiros, no caso da variante conservadora VlhV, todas as categorias morfológicas se fazem presentes, com destaque para *masculino*, substanciado pela vogal -o, seguido, respectivamente, de *verbal*, *atemática* e *feminino*. VjV é o segundo padrão preferido, e aqui, apesar de também estarem presentes todas as categorias, *atemática* e *verbal* lideram, se comparadas às marcas de gênero ou índices temáticos, -o e -a. No padrão V0V, há apenas um caso da categoria *masculino*, contra 84 de *feminino*, 29 de *verbal* e 9 de *atemática*. Destaca-se neste caso a preferência por marcar o feminino no lexema FILHO, um dos mais recorrentes da amostra e ao qual corresponde a única ocorrência de masculino,

fi, contra 24 de *fia*. Dos padrões inovadores em que se constata apagamento da vogal final, Vj0 tem predominantemente ocorrências de *masculino*, com 7 casos da categoria *verbal*, todos relativos a formas flexionadas de 1ª ou 3ª pessoa do lexema OLHAR, *eu/ela oi*. O padrão com total apagamento da sílaba, V00, tem apenas casos de masculino: uma ocorrência do adjetivo *alheio*, *aei*, e todas as demais correspondendo aos substantivos *filho*, *fi*, e *milho*, *mi*.

No que se refere às duas interações identificadas como preditoras do apagamento em estudo, explora-se a hipótese de que estejam relacionadas às variáveis aleatórias que são discutidas na sequência.

Quanto à variável aleatória *palavra*, observa-se

⁷ As vogais finais -e e -a podem também se constituir como índices temáticos, segundo a análise de Camara Jr. (1970). Nesta análise não se registram nomes com VT -e (ex.: entalhe); os únicos casos com a sequência *the* final, aliás, são as formas verbais flexionadas *colhe* e *escolhe*. Quanto aos nomes fechados por -a, bastante recorrentes na amostra, pesa o argumento de que o estatuto dessa vogal é particularmente controverso, mesmo em palavras de gênero supostamente uniforme, dada a facilidade de vertê-las, em muitos contextos, para formas não femininas (ex. abelha / abelho). Por outro lado, ainda que não se sustente a oposição -o/índice temático *versus* -a /marca de gênero, a abrangência do primeiro sobre o segundo é incontestável, o que contribui para sua interpretação neste trabalho como menos marcado.

comportamento que merece olhar cuidadoso em relação ao fenômeno que se investiga. Na Tabela 7 apresenta-se a distribuição em quartis das 84 palavras de nosso estudo para os casos de apagamento e preservação de λ . Compara-

tivamente, da mediana para cima, observa-se que, de modo geral, as palavras da amostra são mais recorrentes nos casos de apagamento do que nos de preservação.

TABELA 7 – Palavras em quartis

APAGAMENTO DE λ EM RIO DAS RÃS

	Mínimo	25%	Mediana	75%	Limite superior	Máximo	Média
Apagamento	1	1	4	12,25	29	113	13,02
Preservação	1	1	2,5	8,0	19	82	9,983
Total	1	1	4	9	21	173	16,12

Fonte: Elaborado pelos autores.

Se analisadas as palavras que se classificam entre as 20% mais recorrentes da amostra, confirma-se a preferência pelo apagamento. É o que se vê na Tabela 8, em que esses itens estão ordenados do mais ao menos frequente e se destacam as palavras com prevalência de apagamento. A última coluna traz, ainda, a frequência de tais palavras segundo o Corpus Brasileiro. Das cinco

palavras em que predomina a preservação, apenas uma possui frequência baixa, o que confirma, agora no caso das palavras, o observado anteriormente para os lexemas, ou seja, que, apesar de palavra *per se* apresentar comportamento peculiar, não há elementos suficientes nesses dados para se sustentar a tese de influência de frequência lexical sobre o fenômeno.

TABELA 8 – Distribuição das palavras mais frequentes

APAGAMENTO DA SÍLABA CONTENDO EM RIO DAS RÃS

	\emptyset	λ	Total	Frequência lexical
mulher	111	62	173	175.703
filhos	67	82	149	107.785
trabalhar	76	69	145	89.235
filho	69	57	126	219.430
velho	64	26	90	47.301
trabalho	51	25	76	843.028
melhor	9	49	58	350.821
filha	20	28	48	46.103
milho	18	24	42	53.206
velha	29	11	40	26.961
velhos	28	11	39	19.666
trabalha	18	17	35	42.378
olha	29	5	34	16.641
mulheres	20	8	28	209.817
trabalhei	13	8	21	3.945
olho	14	5	19	28.880

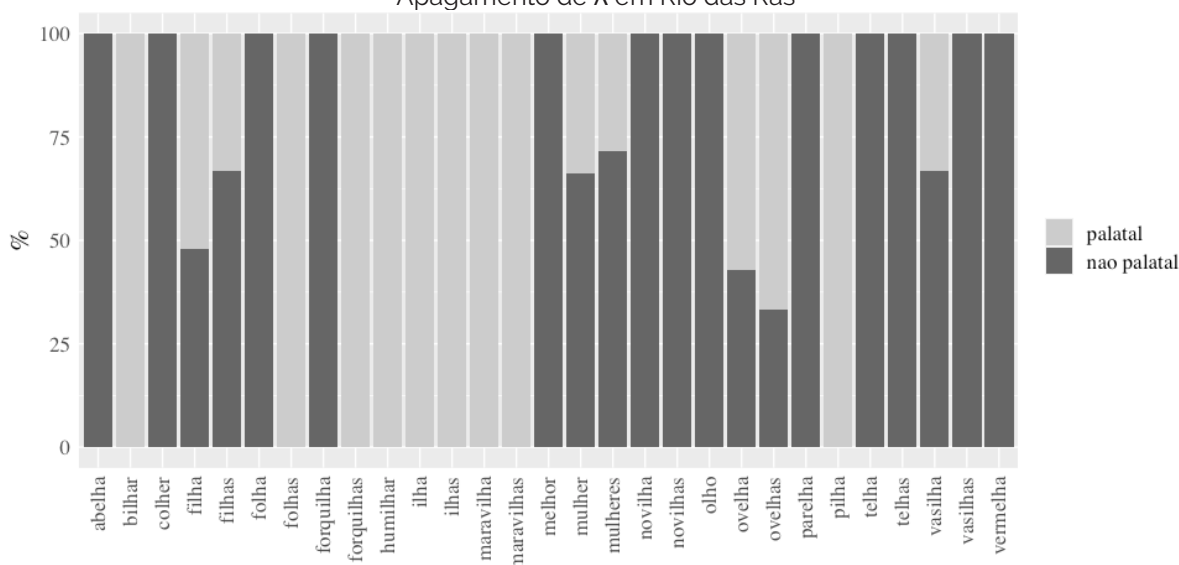
ovelha	6	8	14	2.125
Totais	642	495	1.137	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Analisaram-se as duas interações entre as variáveis linguísticas controladas, quais sejam, as de *vogal média-alta e de vogal alta no contexto precedente a ʎ* e de *vogal aberta no contexto seguinte*. Essas mesmas variáveis não têm qualquer influência individual sobre o fenômeno, frustrando a hipótese de um processo assimilatório progressivo ou regressivo em isolado. Por outro lado, a força combinada de tais variáveis merece atenção. No Gráfico 2, a seguir, apresenta-se um recorte das 29 palavras contendo essa estrutura comparadas entre si no que diz respeito ao apa-

gamento e à preservação da palatal. O resultado sugere que a força do processo tampouco se explica claramente por uma conjunção fonotática de altura em contexto precedente e abertura em contexto seguinte, como se chegou a suspeitar, mas, ao contrário, indica comportamento próprio de determinadas palavras, haja vista os casos de aplicação categórica tanto de apagamento quanto de preservação em ambientes semelhantes. Além disso, desses itens, apenas 4 estão entre os 20% mais frequentes listados na Tabela 8, acima.

Gráfico 2 – Palavras com V alta / média-alta + V baixa
Apagamento de ʎ em Rio das Rãs

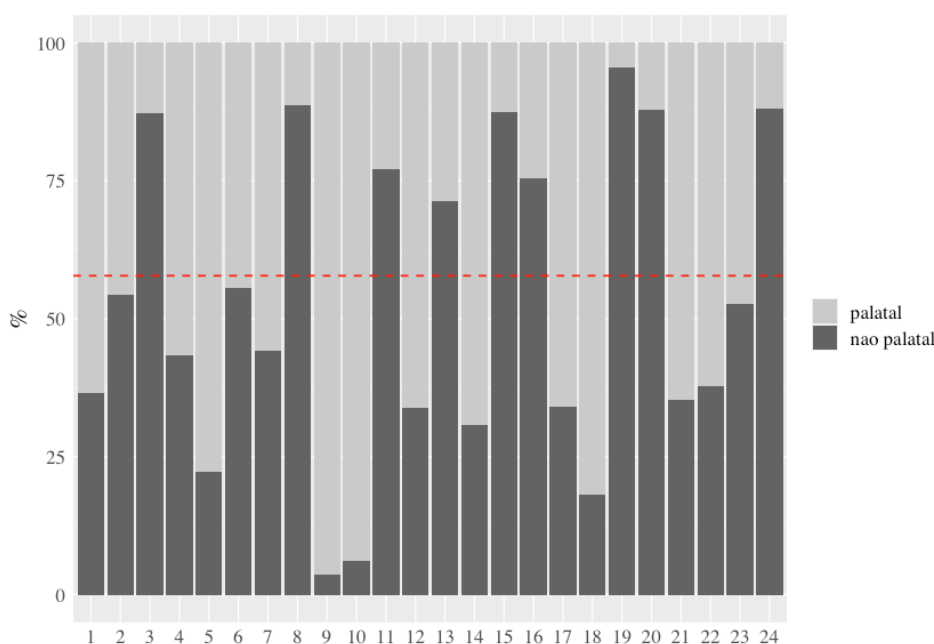


Fonte: Elaborado pelos autores.

Em relação à variável aleatória *participante*, como mostra o Gráfico 3, o fenômeno está sujeito a importante variabilidade, com indivíduos apresentando índices de apagamento iguais ou superiores a 20% acima e abaixo da média do processo. Não há razão, contudo, para se atribuir de modo geral o processo ao comportamento de participantes específicos, uma vez que esses índices alcançam grupos numerosos e em diferentes composições no que concerne às variáveis

sociais. A exceção parece se aplicar justamente à interação observada entre as variáveis *mulher* e *até 25 anos*, que, como se mostrou na Tabela 6, desfavorece o apagamento de ʎ. Nesse caso, duas participantes das quatro mulheres jovens da amostra, identificadas pelos números 9 e 10 no Gráfico 3, apresentam comportamento atípico, preservando quase categoricamente a palatal, em importante contraste com seus pares, as informantes 11 e 12.

Gráfico 3 – Participantes
Apagamento de λ em Rio das Rãs



Fonte: Elaborado pelos autores.

Considerações finais

Neste estudo, aborda-se o comportamento da consoante lateral palatal na comunidade quilombola de Rio das Rãs, de modo especial seu apagamento em posição de onset silábico. A partir de uma caracterização da comunidade e do fenômeno investigado, apresentam-se os principais resultados de uma análise quantitativa em perspectiva variacionista laboviana.

São analisados contextos de palavras contendo a sequência λV em 24 entrevistas orais. As variáveis sociais investigadas são as mesmas que estratificam a amostra: *sexo*, *idade* e *escolaridade*. As variáveis linguísticas são de dois tipos: fonético-fonológicas — *vogal precedente*, *vogal seguinte*, *tonicidade* e *número de sílabas* — e léxico-morfológicas — *classe*, *afiliação morfológica*, *categoria da V final*, *número* e *frequência do lexema*. Essas variáveis são descritas individualmente e um recorte ajustado delas submetido a análise multivariada.

O modelo de regressão logística de efeitos mistos aplicado aos dados apontou como significativas para o apagamento de λ as variáveis

escolaridade baixa e *categoria morfológica masculino*. *Escolaridade* é variável identificada como condicionadora do fenômeno na maioria dos estudos anteriores, relacionando o fenômeno, em dada medida, à exposição ao mundo letrado. A preferência pelo apagamento de λ diante da categoria *masculino* parece revelar o padrão não (ou menos) marcado desse morfema em contraste aos demais contextos analisados. Também foram consideradas significativas as interações *mulheres / faixa etária jovem* e *vogal média-alta* e *vogal alta no contexto precedente / vogal aberta no contexto seguinte*. Das duas variáveis aleatórias testadas, observou-se comportamento preponderante de *palavra* e alguma influência de *participante*. As interações, nas quais emergem variáveis sem papel isolado sobre o fenômeno, parecem se explicar justamente pelo comportamento das variáveis aleatórias: *palavra* potencialmente explicando o efeito, favorecedor, de *vogal precedente* e *vogal seguinte* e *participante*, o efeito combinado, e desfavorecedor neste caso, de *sexo* e *faixa etária*.

Os resultados deste estudo se somam às análises sobre o comportamento de consoan-

tes laterais palatais no PB, de modo particular em comunidades quilombolas, e abrem espaço para seu aperfeiçoamento, seja pela ampliação da amostra seja pelo aprofundamento da investigação das variáveis analisadas.

Referências

BECKMAN, Jill N. *Positional Faithfulness*. 1998. Dissertation (Doctor of Philosophy) – University of Massachusetts, Amherst, 1998.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Um estudo variacionista sobre a lateral palatal. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 89-99, 2007.

BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática normativa da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva & Cia, 1944.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

FERREIRA, Milena Machado. *A Variação da lateral palatal segundo transcrição do banco de dados VARSUL*. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FREIRE, Josenildo Barbosa. *Variação da Lateral Palatal na Comunidade de Jacaraú (Paraíba)*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

HERNANDORENA, Carmen Lúcia Matzenauer. Aquisição da fonologia e implicações teóricas: um estudo sobre as soantes palatais. In: LAMPRECHT, Regina Ritter (org.). *Aquisição da linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 81-94.

LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LIMA, Fernanda Barbosa de. *Aspectos fonéticos, morfológicos e lexicais do falar de Caiana dos Crioulos*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

MELO, Francisca Eleni Silva de. *A despalatalização dos fonemas /k/ e /ɲ/ na fala urbana de Rio Branco-AC*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2008.

MENDONÇA, Renato. *A Influência Africana no Português do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A. Editora, 1933.

MOTA, Jacyra Andrade. O valor estilístico de variantes estigmatizadas no português do Brasil, com base em dados do Projeto ALiB. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 25., 2007, Áustria. *Anais [...] Áustria*, 2007. p. 1-7.

NEUSSCHRANK, Aline. *Fonologização na diacronia: do Latim ao Português Moderno*. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2015.

OLIVEIRA, Marco Antonio de. *Phonological variation and change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids*. 1983. Dissertation (Doctor of Philosophy) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1983.

OUSHIRO, Livia. *Introdução à Estatística para Linguistas*, v. 1.0.1, dez. 2017. Disponível em: <http://rpubs.com/oushiro/iel>. Acesso em: 5 maio 2022.

QUANDT, Vivian de Oliveira. *A lateral palatal no português do Brasil e no português europeu*. 2014. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

RAZKY, Abdelhak; FERNANDES, Maria Eneida Pires. Atlas Linguístico do Brasil: a palatal /k/ nos Estados do Amapá e Pará. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 2, n. 13, p. 375-393, 2010.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing. Boston, 2020. Disponível em: <https://www.R-project.org>. Acesso em: 5 maio 2022.

SANTOS, Selma Cruz. *Variação na lateral palatal em dialetos alagoanos: despalatalização e semivocalização*. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

SILVA, Valdélvio Santos. Rio das Rãs a luz da noção de quilombo. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, n. 23, p. 267-295, 2000.

SILVA NETO, Serafim. *Capítulos de História da Língua Portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, [1957?].

SOARES, Eliane Pereira Machado. *As palatais lateral e nasal no falar paraense: uma análise variacionista e fonológica*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

SOUZA, José Evangelista de; ALMEIDA, João Carlos Deschamps de. *O Mucambo do Rio das Rãs: Um modelo de Resistência Negra*. Brasília: Arte e Movimento, 1994.

VÉRAN, Jean François. Rio das Rãs: memória remanescente de uma comunidade de quilombo. *Afro-Ásia*, Salvador, v. 22-23, p. 163-192, 1998.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical Foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov (ed.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.

WICKHAM, Hadley. *ggplot2: Elegant graphics for data analysis*. New York: Springer-Verlag, 2016. Disponível em: <https://ggplot2.tidyverse.org>. Acesso em: 5 maio 2022.

YIP, Moira. *The Obligatory Contour Principle and phonological rules: a loss of identity*. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 19, n. 1, p. 65-100, 1988.

Dermeval da Hora

Doutor em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, PB, Brasil. Professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, PB, Brasil. Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém, PA, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo 305506/2017-0.

Luiz Carlos Schwindt

Doutor em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; mestre em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo 310921/2018-0.

Endereço para correspondência

Dermeval da Hora

Av. Severino M. Spinelli, 131/1002

Tambaú, 58039-210

João Pessoa, PB, Brasil

Luiz Carlos Schwindt

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Bento Gonçalves, 9500, Prédio 43221

Agronomia, 91540-000

Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.